

## **AS DESCRIÇÕES DAS CARACTERÍSTICAS FÍSICAS DOS IMPERADORES ROMANOS NAS *HISTÓRIAS* DE TÁCITO (SÉC I – II D.C.)**

Ana Teresa Marques Gonçalves<sup>1</sup>  
Bruno Henrique Souza Costa<sup>2</sup>

### **Resumo**

Ao longo do artigo analisaremos as belezas e as características físicas dos Imperadores que constam na obra *Histórias* e como estas são imbuídas de caráter discursivo e imaginativo. Buscamos demonstrar como a cultura Antiga expressada por Tácito nos permite atualizar o conhecimento sobre o Homem, sobretudo quando intencionamos alguma perspectiva inovadora para se trabalhar os clássicos da Antiguidade. A perspectiva que adotamos foi a da beleza enquanto fator sócio-cultural, buscando entender como se dão as relações entre beleza e personalidade nos séculos I - II d.C, e como a interpretação da beleza interfere no julgo do governante e, respectivamente, na atuação do Imperador no poder. Ou seja, como a manutenção de poder e as características físicas dos Imperadores se relacionam para Tácito.

**Palavras-chave:** Principado. Tácito. Estética. Poder.

Recebido em 05 de junho de 2018 e aprovado para publicação em 29 de dezembro de 2018

---

<sup>1</sup> Doutora em História pela Universidade de São Paulo. Correio eletrônico: anateresamarquesgoncalves@gmail.com

<sup>2</sup> Graduando em História pela Universidade Federal de Goiás. Correio eletrônico: brunohscosta@outlook.com

## **Antiguidade e beleza enquanto áreas da historiografia**

No presente texto a função de nossa rememoração da Antiguidade é a de analisarmos a obra *Histórias* de Públio Cornélio Tácito. O objetivo do presente artigo, para além de compreendermos a obra e o autor, é fazermos uma análise crítica sobre as descrições que o escritor romano faz sobre os Imperadores. Ao longo de sua narrativa, no contar dos acontecimentos, Tácito permeia a sua obra de diversas descrições sobre os Imperadores, contando suas qualidades, virtudes e defeitos, como paixões e vícios. Juntamente às descrições que Tácito faz, procuraremos também identificar um conceito de estética, tanto física quanto moral, pois, mais adiante, veremos como as personalidades dos atores imperiais interferiam em suas descrições, tanto do caráter quanto do físico. Logo, ao trabalharmos com o fenômeno de descrição, conseqüentemente trabalharemos também o conceito de imagem e imaginário, pois é natural que na narração dos fatos, nas lutas incessantes pelo adquirimento de poder, cada Imperador transmita uma respectiva imagem sobre si mesmo. Para François Laplantine e Liana Trindade<sup>3</sup>, o imaginário é o evocador das imagens, que se utiliza do simbólico para se exprimir. As imagens, por sua vez, são construções de coisas vistas anteriormente, são concretas, mas são criadas pelo ato de pensar<sup>4</sup>. Assim, como se trata de uma obra narrada por um autor imerso em seu tempo, que escreve com imperativos e vontades tanto objetivas, quanto subjetivas, é de se esperar que encontremos partículas discursivas ao dissertar sobre os acontecimentos e seus atuantes. Logo, analisaremos não só as imagens que os Imperadores buscam transmitir de si mesmos, mas também as tendências imaginativas e culturais que Tácito transmite aos seus leitores através de sua narrativa.

Logo, para pensarmos o que é cultura e como nos depararmos diante deste conceito, dialogamos com Clifford Geertz, que nos convida a pensarmos a história de forma semiótica, em que o Ser humano é um animal amarrado a teias simbólicas entrecruzadas por linhas de significados. Assim, nossa análise é tratada, portanto, “[...] não como uma ciência experimental, em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado”<sup>5</sup>. Pois, cultura romana possui seus símbolos e signos específicos; a nossa proposta, nas páginas seguintes, é a de entendermos os signos

---

<sup>3</sup> LAPLANTINE, François.; TRINDADE, Liana S. *O que é imaginário*. São Paulo: Brasiliense, 2002.

Disponível em:

<https://docs.google.com/viewer?a=v&pid=sites&srcid=ZGVmYXVsdGRubWFpbnxhcnF1aXZvc2VmaWZyc3xeDoxMDZiYWElNGEYyWQ4Mzcxw> Data de acesso: 04/06/2018.

<sup>4</sup> *Ibidem*, p. 2 - 5.

<sup>5</sup> GEERTZ, Clifford. *A interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: Ed Zahar, 1978. p. 15.

de acordo com nossa fonte. Como método usamos, sobretudo, a fórmula hermenêutica de pensar o homem e sua sociedade. Pensarmos hermeneuticamente será o ato de buscarmos uma verdade itinerária para a nossa interpretação e acharmos a margem que separa a realidade histórica e o ato de pensar<sup>6</sup>.

Logo, ao longo do artigo pensamos Tácito não como um ser inerte no tempo, mas como um homem que dialoga com seu plasma social<sup>7</sup>, e como já dito, como um homem imerso numa teia de jogos simbólicos e significativos. Portanto, o homem sendo visto como produto e produtor de sua história, vive em um mundo que possui o seu presente constituído pelo seu passado histórico, logo, vemos a necessidade de contextualizar Tácito no mundo em que viveu e restaurar a formação histórica do período, que foram os séculos I e II d. C., para entendermos as tendências que Tácito aplica em sua obra em relação aos discursos já dados historicamente.

*Histórias* é a obra mais completa que temos dos acontecimentos da guerra civil ocorrida em 68 - 69 d. C., tendo sido publicada por Cornélio Tácito por volta de 109-110 d.C. e que contou com diversos relatos orais dos contemporâneos do conflito. A obra nos fornece uma narrativa detalhada sobre os acontecimentos e as disputas de poderes ocorrida nos anos da guerra, e é uma rica fonte para percebermos como se constituiu o Principado e as representações de seus personagens na busca e manutenção de poder no Império Romano de meados do I século d.C.

Nossa pretensão é a de buscarmos entender a cultura romana através de Tácito e compreender o historiador romano através do seu contexto. O mesmo método – hermenêutico – será usado para entendermos a narrativa *Histórias*. Como Pedro Paulo Funari e Renata Senna Garraffoni nos mostra<sup>8</sup>, Tácito possui suas peculiaridades historiográficas. Um exemplo clássico para ilustrarmos o método taciteano é a sua concepção de uma narrativa *sine ira et studio* – sem amor e sem ódio<sup>9</sup>. Ou seja, Tácito pretendia uma narrativa sem deixar transpassar seus sentimentos e julgamentos: a própria ideia de história em Tácito é específica dele próprio, pois como ele mesmo diz, suas intenções não eram narrar os acontecimentos em detalhes, mas apenas enaltecer o que é memorável, tanto o memorável pelo que é excelente em virtude quanto o que é grotesco pelo que é infâmio<sup>10</sup>. Assim, para Tácito a história é um desenrolar de tramas

<sup>6</sup> STEIN, Ernildo. História e ideologia. Porto Alegre: Movimento, 1999. p, 21.

<sup>7</sup> O conceito de “plasma” foi pego emprestado do clássico, BLOCH, Marc. *Apologia da História ou o ofício do historiador*. André Telles (Trad.). Rio de Janeiro: Ed Zahar, 2001. p, 55.

<sup>8</sup> FUNARI, P. P.; GARRAFFONI, R. S. *Historiografia: Salústio, Tito Lívio e Tácito*. São Paulo: Ed. Unicamp, 2016.

<sup>9</sup> TÁCITO. *Histórias*, I,1

<sup>10</sup> Idem. *Historiografia: Salústio, Tito Lívio e Tácito*. São Paulo: Ed. Unicamp, 2016. p, 122.

entre personalidades excessivamente boas ou excessivamente más<sup>11</sup>. William Dominik, complementa que “Em suas escritas históricas Tácito frequentemente estruturou suas narrativas em torno da boa e má moral política, [...]”<sup>12</sup>. E é essa característica taciteana que nos permite percebermos tão bem as relações entre beleza/feiura e as qualidades da personalidade dos Imperadores em sua narrativa.

Entretanto, ao mesmo tempo que possui suas particularidades, também possui suas similaridades em relação às outras narrativas antigas. Não convém ao longo deste artigo fazer uma análise detalhada sobre outros autores e de suas narrativas históricas, mas é conveniente entendermos o gênero historiográfico da Antiguidade em geral, visto que, só assim poderemos sobressaltar as particularidades de Tácito em sua narrativa. Pois, de acordo com Funari e Garraffoni, o autor romano faz parte de uma continuidade e de uma tradição historiográfica. Esta tradição que se iniciaria com os gregos, como Heródoto e depois Tucídides, perpassaria pelos helênicos, dentre eles Políbio, e chegaria aos latinos, como Salústio, Tito Lívio e o próprio Tácito<sup>13</sup>.

Outro assunto espinhal em nosso artigo é o da beleza. A questão da beleza é algo debatido no mundo ocidental desde a Antiguidade. Todavia, o que normalmente vemos sobre beleza se trata quase que em totalidade sobre as obras de arte, no caso da Antiguidade, o mármore e a cerâmica. Diante disso, esquecemos que podemos extrair a ideia de belo e feio também nos gêneros narrativos. Umberto Eco, em *História da Beleza* comenta sobre o conceito de belo para os filósofos, sendo estes Sócrates e Platão. O primeiro distingue três categorias de belo: “a *Beleza ideal*, que representa a natureza através de uma montagem das partes; a *Beleza espiritual*, que exprime a alma através do olhar [...] e a *Beleza útil* ou funcional”<sup>14</sup>. O segundo, propõe duas concepções de beleza, uma como harmonia e proporção das partes e a segunda como esplendor, e exposta no *Fedro*. Pensarmos a beleza platônica é interessante pois podemos tratá-la de forma comparativa a um outro conceito de belo que Eco discorre. Um conceito que leva em consideração não só a estética, mas também as características da alma e do caráter, que nos permite definir o que é bonito ou feio. Assim, Eco argumenta que “belo é um adjetivo que usamos frequentemente para indicar algo que nos agrada. Parece que,

<sup>11</sup> COLINGWOOD. R. G. *A ideia de história*. Trad. Alberto Freire. Lisboa: Presença, 2001, p. 64. Disponível em: <https://blogdorosuca.files.wordpress.com/2011/05/collingwood-a-ideia-de-historia-de-histc3b3ria.pdf>

<sup>12</sup> DOMINK. William. Tacitus and Pliny on Oratory. Em: *A companion to Roman Rhetoric*. W. Dominik; J. Hall (Org). Oxford: Blackwell. 2007. p. 328.

<sup>13</sup> FUNARI, P. P.; GARRAFFONI, R. S. *Historiografia: Salústio, Tito Lívio e Tácito*. São Paulo: Ed. Unicamp, 2016; COLINGWOOD. R. G. *A ideia de história*. Trad. Alberto Freire. Lisboa: Presença, 2001.

<sup>14</sup> ECO, Umberto. *História da beleza*. Rio de Janeiro: Record. 2012. p. 48.

nesse sentido, aquilo que é belo é igual àquilo que é bom, e de fato, em diversas épocas históricas criou-se um laço estreito entre o Belo e o Bom”<sup>15</sup>.

Em seguida, Eco explica que o fato de considerarmos belo uma coisa bem-proporcionada é algo que se explica desde a Antiguidade, tanto na Grécia quanto Roma, já se utilizavam desse pensamento<sup>16</sup>. Porém, algo a pensarmos é como essa relação também serve para julgarmos a beleza interior, que se relaciona então com as virtudes e vícios. Diógenes Laércio aconselha na sua *Vida de los filósofos más ilustres* que “Que sejamos familiares da virtude, e estranhos do vício. Fugir da injustiça, aconselhar a pátria ao melhor, refrear os apetites [...]”<sup>17</sup>. Eco complementa afirmando que para Pitágoras e seus alunos na oposição de dois contrários, ou seja, belo e feio, só um deles é bom. O pensamento dual nos permite concluir, então, que o bom, o belo e o proporcional se contrapõem ao mal, feio e desproporcional. Logo, podemos pensar que para o filósofo clássico o belo, o bom e o harmonioso andam de mãos atadas tanto quanto à feiura, o mal e o excessivo<sup>18</sup>.

Mas não nos atentando somente ao belo, assim como Eco em *História da Feiura*, procuramos também identificar o feio e buscar em nossa documentação as representações verbais e discursivas dos nossos personagens que, como veremos, em muitas passagens são retratados como “feios”. Eco busca definir o feio não só como o contrário do belo, mas também como um valor independente e autônomo. Isso nos permite enxergar o feio como algo “bem mais rico e complexo que uma série de simples negações das várias formas de beleza”<sup>19</sup>. Logo, a feiura iria para muito além do feio e desarmonioso e se transformaria em um leque contendo o mesquinho, o débil, o vil, o banal, o casual o tosco, o criminoso, o horrendo, dentre outros<sup>20</sup>. (ECO, 2007, p. 16),

Eco explica que o ideal grego de perfeição se resumia na palavra *kallokagathia* – a unção entre *kállos* (genericamente traduzido como “belo”) e *agathós* (termo traduzido como “bom”, mas que se refere a uma série de sentidos de valores positivos). Desta maneira, sob a ótica deste ideal, o helenismo elaborou uma vasta literatura sobre a relação entre feiúra física e feiúra moral (ECO, 2012, p. 23). No entanto, Eco aponta que até hoje não se definiu o que os antigos entendem como

<sup>15</sup> Ibidem, p. 08.

<sup>16</sup> Ibidem, p. 61.

<sup>17</sup> Como veremos, este *modus vivendi* do grego Diógenes Laércio é bem semelhante ao que Tácito discursa a favor em sua obra. O afastamento aos vícios em prol da virtude, defender a Pátria – Embora para eles as pátrias sejam distintas, mas o princípio é o mesmo – e se afastar dos apetites são também pré-requisitos para um bom Imperador na perspectiva taciteana. DIÓGENES LAÉRCIO, Cleóbulo, 3.

<sup>18</sup> ECO, Umberto. *História da beleza*. Rio de Janeiro: Record. 2012. p. 72.

<sup>19</sup> Id. *História da Feiúra*. Rio de Janeiro: Record, 2007. p. 16.

<sup>20</sup> Ibidem, loc. cit.

“belo”, pois o caráter interior e até “espiritual” de beleza muitas vezes não coincide com a extraordinária beleza do corpo. Neste impasse, importante também é buscar definir o conceito de bom, uma vez que nas sociedades gregas as características virtuosas podiam suplantar aos aspectos físicos (ECO, 1997, p. 25 – 26). Sobre este tema Eco cita Plotino (séc. III d.C.) e sua ideia de “feio moral”. De acordo com Plotino:

“Seja então como uma alma feia, intemperante e injusta. Está cheia de muitos desejos e das mais profundas inquietações, temerosa por covardia, invejosa por mesquinaria [...] vive a vida das paixões do corpo e só encontra prazer na feiura. Não poderíamos dizer então que a sua feiura sobreveio do exterior sobre ela, como uma doença que a ofende, a torna impura e faz dela uma massa confusa de males? [...]. A alma conduz uma vida sombreada pela impureza do mal, uma vida contaminada pelos germes da morte. [...]. Impura, assediada por todo lado pela atração das coisas sensíveis, ela se mescla com muitas das características do corpo. Como acolheu em si a forma da matéria, diferentemente dela mesma, foi contaminada por ela, e sua própria natureza ficou poluída por aquilo que lhe é inferior [...]”<sup>21</sup>.

Sobre a quem Plotino se refere nós não sabemos, mas certamente há semelhanças com as descrições das características físicas e as personalidades que Tácito cria sobre diversos personagens ao longo de sua narrativa, sobretudo de três em específico, sendo eles Galba, Otão e Vitélio. Já ao último Imperador da Guerra Civil de 68 – 69 d.C., Vespasiano, Tácito reserva elogios. Logo, podemos considerar que este seria o único dos Imperadores da Guerra Civil que chega próximo a qualquer ideia de beleza do historiador romano.

Mas antes de entrarmos na análise detalhada dos trechos taciteanos, façamos antes uma breve contextualização e composição histórica sobre o Império e o Principado Romano. O mundo a que Tácito pertenceu foi aquilo que podemos denominar de a época áurea do Principado, pois estabelecido o Principado sob Augusto e reestabelecido sobre os Flavianos, o poder em torno do Príncipe se estabilizou cada vez mais. Tácito nasceu provavelmente nos tempos de Nero (54 – 68 d.C.) e morreu no período do Imperador Adriano (120 d.C.)<sup>22</sup>. Tácito viveu em um mundo em que a figura do Imperador era central e que o poder se unificou em torno de uma pessoa, sendo este o *Princeps*, embora em períodos como os da Guerra Civil de 68-69 d.C., mais de uma pessoa desejasse o cargo imperial.

Pensando processualmente, o mundo em que Tácito viveu foi consequência histórica dos acontecimentos promovidos nos tempos de Júlio César e de Otávio Augusto

---

<sup>21</sup> PLOTINO. *Enéadas*. I, 6, Apud: ECO, Umberto. 2007. p. 26.

<sup>22</sup> LUIZ, José Moralejo. Introdução. In: *Histórias*. Trad; José Luiz Moralejo. Madrid: AKAL. 1990. p. 9 – 34

(63 a.C. - 14 d.C.), pois, de acordo com Paulo Martins<sup>23</sup> podemos dizer que se iniciou uma nova forma política de reger o poder imperial em fins de I a.C. Essa nova forma teria tido duração através dos descendentes de Otávio, chegando à contemporaneidade de Tácito. A guerra narrada por Tácito não é nada mais do que a continuação desse episódio, na qual com a morte de Nero (68 d.C.), um outro Imperador haveria de ocupar a vacância do poder imperial. Contudo, ao pensarmos a guerra dos quatro Imperadores, devemos não só enxergar as continuidades, mas também as rupturas. A primeira dinastia do Principado estava extinta, coincidentemente, Galba, o primeiro a ser aclamado Imperador, foi também o primeiro Imperador não romano (TÁCITO, *Histórias*, I, 4), e deveria, portanto, ser o constituidor de uma nova dinastia, e até tentou, como nos conta Tácito no episódio de adoção a Pisão<sup>24</sup>. Contudo, em uma conspiração palaciana Otão junto com a guarda pretoriana teria assassinado Galba e Pisão e reclamado o poder Imperial para si<sup>25</sup>. Enquanto otônios e vitelianos se degladiavam pelo poder, Vespasiano buscava aliados e se preparava para reclamar a si a supremacia imperial<sup>26</sup>.

### ***Histórias* narrativa da guerra e as imagens imperiais**

40

---

Logo, começa narrando Tácito no livro I de suas *Histórias* que ao final de Nero que os habitantes da Urbe Romana tiveram reações diversas devido à morte do Imperador. Muitos reagiram com alegria ao suicídio do Príncipe, e a felicidade foi quase geral, pois os senadores finalmente gozaram de liberdade, visto que o novo Príncipe não se encontrava em Roma<sup>27</sup> e nem era romano. Sérvio Sulpício Galba era Governador da Hispânia Tarraconense, e havia sido proclamado Imperador por suas tropas. As legiões e os generais também se beneficiaram com a morte do antigo Imperador. Finalmente havia uma crise no sistema político que permitia a liberdade para as demais detentoras do poderio que não fosse apenas o *Imperator*. A alegria só não era partilhada pela “plebe vil, ávida ao circo e aos teatros”<sup>28</sup>, que expressava tristeza pela morte de Nero.

---

<sup>23</sup> MARTINS, Paulo. *Imagem e Poder: considerações sobre a representação de Otávio Augusto*. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 2011.

<sup>24</sup> TÁCITO, *Histórias*, I, 14 - 16.

<sup>25</sup> *Ibidem*, I, 21 - 27

<sup>26</sup> *Ibidem*, II, 74 - 86

<sup>27</sup> Galba foi proclamado Imperador pelas tropas sublevadas das províncias da Gália (Nota do tradutor. LUIZ, José Moralejo. Introdução. In: *Histórias*. Trad; José Luiz Moralejo. Madrid: AKAL. 1990. p. 49.)

<sup>28</sup> TÁCITO. *Histórias*, I, 4.

Galba assumira o poder criado por suas tropas, portanto, logo após sua aclamação foi alvo de tentativas de sedições. O novo Imperador que se tratava de um ancião, é descrito por sua elevada idade, e desde o início já era questionável no poder. Tácito ao relatar o boato de sedição afirma que:

[...] a maioria dos militares conservava seu sentimento de cumplicidade, e não faltavam os comentários que insultavam a idade e avareza de Galba. Sua severidade, uma vez exaltada e famosa entre a gente de armas, se fazia insofrível para aqueles homens relutantes à velha disciplina, cujos quais, Nero, ao longo de catorze anos, não havia criado o hábito de amar os vícios dos príncipes menos do que antes temiam suas virtudes. Sobre isso veio a correr um provérbio sobre Galba, honroso para a república e perigoso para ele mesmo: que ele aos soldados recrutava, mas não comprava<sup>29</sup>.

Galba não só neste trecho é elogiado, mas apesar de suas qualidades, ainda não é merecedor de virtudes, visto que a chegada do novo Imperador para assumir o poder foi lenta e sangrenta, pois “se degolou a tantos milhares de soldados inermes, se fez em meio dos maus faustos e agouros”<sup>30</sup>. Posteriormente, o orador romano narra que o atual Príncipe, por sua debilidade e ingenuidade seria o solo perfeito para que aproveitadores se engrandessem sob sombra de Galba<sup>31</sup>.

O Império de Galba, com um começo já conturbado, foi um período com intensas mudanças. Tácito afirma que a própria idade era motivo de burla e zombaria para aqueles que estavam acostumados com a juventude de Nero, pois no hábito vulgar julgavam os Imperadores relacionando sua beleza e superioridade física (TÁCITO. *Histórias*, I, 8). Assim, podemos ver que a beleza no imaginário tinha ligação direta com a forma de condução de poder do *Princeps*. Georges Balandier ilustra bem esse tipo de situação em *Poder em Cena: pensamento político* (1982), em que retrata os governantes que se perpetuam no poder como atuantes. Podemos supor então que o fator de beleza e juventude na sociedade romana tinha um papel fundamental no julgamento da atuação dos Imperadores. Logo, como uma plateia, os romanos julgavam os Imperadores que atuava no teatro dos poderes e aqueles que melhor atuassem ou se representassem se perpetuariam no poder.

O próximo acontecimento relevante para analisarmos a figura de Galba é o da adoção de Pisão pelo Imperador. Em certo momento da narrativa, Tácito nos mostra que as legiões da Germânia Superior quebraram o juramento e exigiam outro Imperador em quem pudessem confiar. Galba procurou se estabelecer o mais rápido

---

<sup>29</sup> Ibidem, I, 5.

<sup>30</sup> Ibidem, I, 6

<sup>31</sup> Sendo estes, o Cônsul Tito Vínio e o Prefeito do Pretório, Cornélio Lacão, que de acordo com Tácito em *Histórias* I, 13, repartiam o poder do Principado. (TÁCITO. *Histórias*, I, 12)

possível no poder. Uma das maneiras era declarar um sucessor, visto que não possuía filhos e por sua avançada idade não poderia mais reproduzir, assim só restava como alternativa a adoção de um herdeiro (TÁCITO. *Histórias*, I, 12). Esse episódio é o mais relevante do principado de Galba, visto que as decisões tomadas pelo Príncipe acarretaram em seu assassinato.

Além de Galba, outras três personalidades atingiram largos poderes sob o seu governo, e estes eram Vínio, Lacão e Ícelo<sup>32</sup>, um dos libertos do Imperador. Logo cada um elegeu um pretendente de seu favoritismo como herdeiro ao Império. Vínio estava a favor de Otão, enquanto Lacão e Ícelo<sup>33</sup> acordavam em apoiar qualquer um que não fora este. O escolhido pelo Imperador para ser o seu herdeiro veio a ser Pisão, e não o jovem Otão. O mais novo filho adotivo de Galba é descrito como sério, robusto e de boa idade<sup>34</sup>.

Por fim, nos narra Tácito que:

“[...] tomando a mão de Pisão, se diz que (Galba) falou nestes termos: «Se eu te adotara como cidadão particular, em virtude de uma lei curiata<sup>35</sup> e diante dos pontífices, segundo é o costume, será para mim uma honra te trazer à minha casa a descendência de Cneu Pompeu e de Marco Crasso e para ti motivo de orgulho a junção à sua nobreza as glórias das famílias Sulpícia e Lutácia. [...]. Embora, Augusto tenha buscado sucessor em sua casa; eu busco na República, não por não ter parentes ou camaradas de guerra, nem por que aceitei o império por ambição”<sup>36</sup>

Certamente pelo que sabemos de Tácito podemos considerar esta atitude de Galba como sendo uma atitude nobre, visto que ele se recusa a eleger como seu sucessor qualquer um que fosse próximo, para propor aquele que considera como o maior e mais adequado pretendente para a República. Por quê então Galba seria alvo de tais adjetivações, como débil, ingênuo e possuidor de um caráter vacilante diante de uma atitude tão virtuosa? A esta pergunta procuraremos responder mais ao fim,

---

<sup>32</sup> Importante ressaltar neste trecho “Potentia principatus divisa in Titum Vinium consulem Cornelium Laconem praetorii praefectum; nec minor gratia Icelo Galbae [...]” (TÁCITO. *Histórias*, I,13), que podemos traduzir como “O poder do Principado estava repartido entre Tito Vínio e o Prefeito do Pretório Cornélio Lacão. De não menos poder disfrutava Ícelo, liberto de Galba [...]”, a repartição do poder no Principado, que nos permite concluir que o Príncipe não governava isoladamente no poder, pois para escolhas importante como a decisão do herdeiro, seus amigos – usando “amigo” no significado antigo, de *amicitia*, que se baseava numa relação entre iguais - favoreciam a um ou a outro candidato, o que nos permite deduzir que os amigos do Imperador também integravam o mais alto poder no período do Principado, e não somente o *Princeps*.

<sup>33</sup> Importante notarmos também que Tácito nos informa que Ícelo, um dos escravos libertos alcança largos poderes e não só, mas que se integrara na Ordem da Cavalaria e com seu nome de cavaleiro se chamava Marciano (TÁCITO. *Histórias*, I,13).

<sup>34</sup> *Ibidem*, I, 13-15).

<sup>35</sup> As leis curiatas foram um conjunto de leis votadas pelas cúrias e grupos familiares da comunidade romana. (*Ibidem*, I, 13).

<sup>36</sup> *Ibidem*, I, 15).

acompanhada de uma visão macrotextual. E devemos ainda nos atentar ao fato de que os discursos muitas vezes proferidos nas histórias antigas são, muito provavelmente, impassíveis de autenticidade<sup>37</sup> (FINLEY, 1994). Com função de tornar a história mais aprazível ao leitor, os historiadores antigos buscavam trazer discursos poeticamente e retoricamente embelezados para que a obra possuísse maior beleza<sup>38</sup>. William Dominik complementa afirmando que é possível que Tácito transmita suas próprias opiniões através dos discursos de suas obras, como o faz em *Diálogos dos oradores*.<sup>39</sup>

A cena que se segue é a da conspiração palaciana de Otão contra Galba, um evento que aconteceu em Roma quando Otão decidiu reclamar para si o Principado por não ter sido nomeado herdeiro do velho Imperador. O jovem que “havia tido uma infância abandonada e uma juventude cheia de desvergonhas, [...] foi o primeiro a passar ao partido de Galba e não se mostrou faltar energia; durante a guerra foi o homem mais brilhante da corte<sup>40</sup>”. Tácito narra que a esperança de adoção cresceu em Otão dia após dia e que muitos militares e os partidários de Nero o apoiavam por ser semelhante ao Imperador anterior, o que lhe dava legitimidade. Assim sendo, Otão tanto em ataque quanto em defesa planeja uma conspiração de tomada de poder.

Tácito narra em seguida que: “Não era o ânimo de Otão brando e semelhante a seu corpo”, e que seus libertos e escravos, aos que permitiam um relaxamento excessivo” que se compara à “corte de Nero e seus excessos, seus adultérios e demais seduções próprias de reis” almejavam o poder por seu patrono<sup>41</sup>. Otão se dirige, então, aos quartéis das tropas e não passa muito para perceberem que era Otão e que tudo se tratava de uma sedição contra o atual Imperador. Tácito nos narra que no dia 15 de janeiro Galba em frente ao Templo de Apolo estava a oferecer um sacrifício auspícios para observar às entranhas de animais sacrificados, quando recebe um mal

---

<sup>37</sup> FINLEY, I. M. *História Antiga: testemunhos e modelos*. Trad. Valter Lelis Siqueira. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

<sup>38</sup> Como Marinalva Vilar de Lima e Michele Pereira de Souza Cordão nos mostram em *História e historiografia Antigas: a construção de um gênero discursivo* (2010), os historiadores antigos buscavam formas autorais de inovarem e embelezarem suas histórias. No caso grego normalmente se fazia este embelezamento através da poética, e no caso romano pela retórica e oratória. O ponto é que, eram os discursos os principais pontos de fuga das narrativas extensas e monótonas, e eram nos discursos em que se embelezava ao máximo a obra para que se atraísse a atenção dos leitores (LIMA, CORDÃO, 2008, p. 274).

<sup>39</sup> DOMINK, William. Tacitus and Pliny on Oratory. Em: *A companion to Roman Rhetoric*. W. Domink; J. Hall (Org). Oxford: Blackwell. 2007. p. 331.

<sup>40</sup> Devemos ressaltar que “corte” é um termo usado pelo tradutor para ilustrar o conjunto/cúpula de homens e poderosos que circundam e apoiam o Imperador, assim como Tito Vínio, Ícelo e Cornélio Lacão foi, de certa forma, a “corte” de Galba (TÁCITO. *Histórias*, I, 13).

<sup>41</sup> *Ibidem*, I, 22.

agouro, dizendo que possuía um traidor em sua casa. Tempos depois Otão recebendo a informação de seu liberto, Onomasto, que os preparativos para a conspiração estavam prontos, Otão diz aos presentes do sacrifício que iria comprar umas casas e que por suspeita de desgaste precisava olhar por ele mesmo o seu investimento<sup>42</sup>. Logo após circula o rumor de que estão levando um Senador aos quartéis e que se tratava de uma sedição e que o sedicioso era o Otão e seus partidários. Pisão, herdeiro escolhido por Galba, ao descobrir a conspiração de Otão profere um discurso de indignação, chamando a todos que prestavam guarda na “corte” palaciana com o intuito de sondar apoio daqueles ao seu partido:

“Não vou fazer exibição alguma de nobreza ou moderação; pois, em efeito, em comparação com Otão não há necessidade de exaltar virtudes. Seus vícios, único fundamentador de sua ostentação tem arruinado o Império; e isso porque só atuava como amigo<sup>43</sup> do Imperador. Por acaso, por seu aspecto e porte, ou por seu vestuário afeminado mereceria o Império? [...]. Este homem saberá prodigar, não dar.”<sup>44</sup>.

Otão nesta ótica é descrito por Pisão como afeminado, pequeno e belo. Certamente a figura de Otão não é comparada à de Nero somente pelo viés do físico, mas também pelo caráter, pois ambos são vistos como belos e luxuosos. A seguir, Tácito explica que os próprios otoninos<sup>45</sup> procuraram fazer assimilações entre os Imperadores da vaidade. Suas intenções eram “honrar a memória de Otão, na esperança de atrair o populacho. Desde cedo teve quem exibisse as imagens de Nero [...] na ideia de realçar sua nobreza e dignidade [...] chamando-o de «Otão Nero»”<sup>46</sup>. Chamo atenção para as duas últimas orações do trecho citado, em que novamente nos aparece a relação entre os aspectos físicos e a condução do poder imperial. Num primeiro momento nos aparece Galba, que por ser velho não é capaz de governar com autoridade, em outro Otão, por sua feminilidade é tão incapaz de governar quanto Galba<sup>47</sup>.

Galba procurando contra-atacar Otão se dirigia ao Fórum, e nos Tácito descreve que “não se escutava voz alguma do povo ou da plebe, e não que os rostos

---

<sup>42</sup> Ibidem, I, 27.

<sup>43</sup> Devemos esclarecer que o significado e noção de amizade que temos hoje é diferente daquela que se tinha no mundo antigo, pois *amicitia* relatava mais ao que podemos pensar hoje como aliança, e é de fato esta uma das traduções sugeridas pelo dicionário Latino – Português (1985) de Francisco Torrinha – Professor efetivo do Liceu de Rodrigues de Freitas e antigo professor da extinta Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

<sup>44</sup> TÁCITO. *Histórias*, I, 30.

<sup>45</sup> Expressão usada pelo tradutor José Luiz Morelejo ao longo das *Histórias* (1990) para definir os partidários de Otão, assim como “vitelianos” para os aderentes de Vitélio.

<sup>46</sup> Ibidem, I, 78.

<sup>47</sup> Ibidem, I, 30.

estavam atônitos e os ouvidos atentos a tudo<sup>48</sup>. Neste momento Otão com seus partidários abordaram Galba no Lago de Cúrcio<sup>49</sup> e ali mesmo o assassinaram. Neste momento Tácito trata de Galba como um medíocre, que não possui virtude alguma, somente vícios. A pretensão de neutralidade que o autor propõe em sua célebre frase “*sine ira et studio*” é inexistente, visto que Tácito exalta de forma estilística somente os defeitos do Imperador ancião. Tanto é que, ao falar sobre suas feitorias militares, tão importantes e enaltecidas quando o autor descreve Vespasiano, abstém quando se trata de Galba<sup>50</sup>, descrevendo-o somente como um general depreciado e demasiado agressivo com suas tropas, como já falamos anteriormente.

No outro extremo do Império, outra personalidade importante para nossa narrativa ascendia ao poder. Enquanto Galba procurava se perpetuar no poder elegendo um herdeiro e Otão buscava os meios para usurpar o Velho Imperador, Vitélio havia sido aclamado Imperador nas províncias germânicas, e buscava os meios para invadir Roma e chegar ao poder legítimo, isto é, buscar o reconhecimento do Senado<sup>51</sup>. Após obter forças e recursos na Germânia, consegue a adesão do exército britânico à sua causa, e em seguida ordenou a Fábio Valente, um de seus legados, que buscasse apoio nas Gálias e os que resistissem fossem eliminados<sup>52</sup>. Pelo fato de Vitélio não se proclamar, mas ser aclamado pelas tropas, Tácito narra que os exércitos da Germânia superior, as legiões IV e XXII, destroçaram as efígies de Galba por ódio à sua pessoa. Assim, as tropas do norte do Império buscaram algum Imperador somente para legitimar a sua causa, não porquê desejavam Vitélio como seu *Princeps*. Vitélio somente estava no lugar certo e no momento certo. Portanto, os ânimos da sedição vieram, de acordo com Tácito, das tropas e não do próprio Imperador<sup>53</sup>. Segundo o historiador:

“Era assombrosa a disparidade entre o exército e o Imperador. Os militares se apressavam, pediam guerra, enquanto as Gálias se agitavam e oscilavam as Hispânias: não era obstáculo o inverno, nem devia se ter a calma de uma paz covarde; deveriam invadir a Itália e ocupar a Urbe; nada era mais seguro do que a pressa nas guerras civis, onde mais falta faz a ação do que a reflexão. Já Vitélio estava gordo e se permitia uma amostra de sua imperial fortuna, se entregando a inertes luxos e pródigos banquetes, bêbado e sonolento dos almoços, contudo o ardor e a força dos soldados se encarregavam de cumprir os deveres que correspondiam a seu chefe [...]”<sup>54</sup>

<sup>48</sup> Ibidem, I. 40.

<sup>49</sup> Um lago situado no centro do Fórum de Roma. (Notas do tradutor. LUIZ, José Molejo. Introdução. In: *Histórias*. Trad.; José Luiz Molejo. Madrid: AKAL. 1990. p. 66).

<sup>50</sup> Posteriormente discorreremos sobre Vespasiano e como suas grandes feitorias militares incrementavam a sua descrição e imagem.

<sup>51</sup> TÁCITO. *Histórias*. I, 12; 14.

<sup>52</sup> Ibidem, I. 61.

<sup>53</sup> Ibidem, I, 55 - 56.

<sup>54</sup> Ibidem, I, 62.

Vitélcio nos é representado, portanto, como sendo um legítimo glutão. Entregue aos vícios orais, farta-se com banquetes e festas seguidas, relegando seus deveres às tropas. Portanto, além de vicioso, é também mal general.

Na busca por aliados Vitélcio e seus partidários prosseguem criando cada vez mais forças com cidades e exércitos se integram à sua causa. Contudo, Tácito nos mostra que:

“Entretanto Otão, ao contrário do que todos esperavam, não estava entorpecido com a boa vida e na preguiça. Deixou de lado seus prazeres, disfarçou seus vícios e arranhou tudo conforme as necessidades do Império, e precisamente causando maior medo com suas falsas virtudes, mas com seus vícios prontos para retornar.”<sup>55</sup>

Embora Otão tenha largado seus vícios para tratar os assuntos da República com a seriedade devida, Tácito deslegitima seus feitos por completo ao caracterizar suas atitudes de “falsas virtudes”, ou seja, não importa Otão ser ou agir como um bom Imperador, suas características da alma e do espírito estão definidas, e seu caráter dissimulador transforma suas boas atitudes em dissimulações e meras atuações. Não são suas atitudes que caracterizam sua personalidade, mas o contrário, sua beleza excessiva, sua luxúria e seu caráter ditam suas ações. Para pensarmos essas e outras passagens de Tácito devemos sempre levar em questão o seu contexto e sua oralidade. Se a obra de Tácito, como já mostramos, tinha o objetivo de criar bons e maus exemplos para a posteridade, é importante pensarmos o porquê e como o autor criava esses exemplos.

William Dominik em *Tacitus and Pliny Oratory* discorre sobre a questão da oratória romana em Tácito e Plínio, o jovem. Sua afirmativa central é a de que para Tácito a retórica não teria caído em decadência, mas que teria se transfigurado, tomado outra forma. Com as mudanças contextuais já citadas, a oratória política tinha sim chegado ao fim: “Tácito acredita que a oratória teria politicamente desaparecido”<sup>56</sup>. Contudo, Dominik afirma que apesar das dificuldades a oratória permitia ao orador tirar vantagens do momento, conferindo honras e privilégios, assim podemos considerar a própria obra *Histórias* como sendo uma possível ferramenta de auto beneficiação. Além disso, a oratória tem a função estilística<sup>57</sup>, à qual não cabe só a função de

<sup>55</sup> Ibidem, I. 71.

<sup>56</sup> DOMINK, William. Tacitus and Pliny on Oratory. Em: *A companion to Roman Rhetoric*. W. Dominik; J. Hall (Org). Oxford: Blackwell. 2007.p. 332.

<sup>57</sup> Sobre a perspectiva estilística cito, como referência, o Trabalho de Conclusão de Curso da Milena Rosa Araújo Ogawa, intitulado *O diálogo dos oradores de Tácito: a caracterização da educação do jovem aristocrata romano na transição para o Principado* (2014, p. 20-22). Ressalto ainda que a perspectiva de estilística de Ogawa é complementar com o método de análise discursiva discutido anteriormente, visto que ambos possuem a intenção de analisar as particularidades narrativas de Tácito levando em consideração as intersubjetividades do autor expressa em sua obra.

embelezar a história, mas também criar facetas discursivas em que as descrições de Tácito nos induzem a pensar os personagens imperiais não como realmente são, mas como Tácito quer que seus leitores vejam. Ou seja, as personalidades que Tácito narra ao longo de sua obra não são os respectivos reais, mas representações dos mesmos.

Sobre os posicionamentos de Tácito, Fábio Faverson<sup>58</sup> explica as complicações que se tornou ser um orador e escritor no período do Principado. A concentração de poderes cada vez mais acentuada permitia cada vez menos a liberdade de expressão. As disputas aristocráticas dos séculos anteriores a Cristo perdera sentido, fazendo com que a oratória se perdesse e se convertesse em *recitaciones*. Faversoni demonstra que haveria uma grande dificuldade em narrar a verdade, visto que os estímulos para agirem conforme o momento era fortes. Os historiadores, como Tácito, eram aristocratas imersos em seu tempo e devem ser vistos como tais. Assim, é importante pensarmos suas histórias não como descompromissada arte literária, mas como ação política<sup>59</sup>. Com nossa leitura, podemos afirmar que Tácito possuía ampla preocupação com a *Res Publica*<sup>60</sup>, assim, nada melhor para a República do que criar bons aristocratas para a sua gestão. E será através da descrição dos personagens que Tácito criará os exemplos de bons e maus governantes.

Enfim, seguindo com a descrição dos fatos, temos os exércitos otônios e vitelianos consolidados. Tácito nos conta que Vitélio precisava da guerra para exercer ao poder imperial, enquanto que Otão governava como se estivesse em plena paz<sup>61</sup>. Por fim, de fato se inicia a guerra, que:

“[...] desde que o Divino Augusto organizou o poder dos Césares, o povo romano só havia guerreado contra a inquietação ou honra de um ou outro. Sob Tibério e Caio só afetaram à República adversidades próprias da paz. A intentona de Escríboniano contra Cláudio foi afastada ao mesmo tempo que se soube dela, e Nero foi derrubado mais pelas notícias e rumores do que pelas armas.”<sup>62</sup>

<sup>58</sup> FAVERSANI, Fábio. “*Ékphrasis* e a fronteira da descrição em Tácito”. *Letras Clássicas*. São Paulo: v. 19, n. 1, p. 43-53, 2015

<sup>59</sup> *Ibidem*, p. 47.

<sup>60</sup> Há diversos trechos nos quais Tácito transparece sua imensa preocupação com a *Res Publica* nas *Histórias*: I, 15; I, 50; I, 71; II 76. Um dos maiores exemplos é a atitude de Otão, que antes de morrer, por nobreza e preocupação com a República, em um ato de clemência, ao ver que sua causa estava perdida e que não haveria mais chances contra Vitélio, liberta seus soldados, sem mais esperança de vitória, e dispersa-os libertando seus soldados da morte certa. Esta ação de Otão é um dos poucos momentos em que Tácito enaltece sua personalidade, pois Otão contradiz os seus interesses próprios, advindos da sua vaidade, e coloca os interesses da República e a vida dos seus homens a frente da sua, como veremos na página seguinte. (TÁCITO. *Histórias*, II, 50).

<sup>61</sup> *Ibidem*, I, 77.

<sup>62</sup> *Ibidem*, I, 89.

E assim se encerra o livro I das *Histórias* de Tácito, e a guerra só é retomada na obra a partir do parágrafo 11 do livro II, fazendo uma breve introdução aos personagens Tito e Vespasiano, dos quais falaremos adiante.

Por fim, chega a grande batalha do Bedríaco entre Otão e Vitélio. É narrada pelo autor nos parágrafos 43 e 44 do livro II, e o resultado foi que “os vitelianos tiveram uma vitória sem sangue, dado que se havia rechaçado a sua cavalaria<sup>63</sup> e eles haviam capturado a águia de uma legião”<sup>64</sup>. Otão ao saber das notícias de sua derrota e perdendo qualquer esperança de continuar a guerra, decide desistir da mesma. Assim, profere um discurso e em seguida ordena que se deem navios e veículos aos que partem e que se reparta o dinheiro de sua fortuna. Este foi o fim de Otão, que se suicida no dia seguinte se jogando contra um travesseiro que escondia dois punhais em suas costas<sup>65</sup>. Uma morte digna de elogios e que foi divulgada rapidamente por todos do império<sup>66</sup>.

O que se seguiu foi o uso do poder imperial por parte de Vitélio. Buscando punir os otôninos que não se curvaram ou que pediam perdão, matou então os mais valorosos centuriões de Otão, embora desculpou ao irmão do Príncipe morto, Salvio Ticiano, que covardemente pediu por piedade<sup>67</sup>. Tácito lamenta o estilo de vida desmedido de Vitélio, agora Príncipe, pois:

“Desde logo caso Vitélio tivesse posto fim aos seus excessos pessoais, sua cobiça não seria temível. Mas o que resultava eram seus banquetes orgiásticos e sua insaciável gula [...] dado que Vitélio nunca estava tão atento para suas preocupações a ponto de se esquecer dos prazeres”<sup>68</sup>

Posteriormente, podemos ver a corrosividade do modo de vida do governante, pois os legados também se entregavam aos prazeres em meio às festas e bacanais, e em consequência as tropas se mostram dispostas embora indisciplinadas<sup>69</sup>.

Porém, antes disso, Tácito nos apresenta outras duas grandes personalidades, sendo estas Tito e Vespasiano. Tito, o filho mais velho de Vespasiano foi enviado pelo pai para firmar acordos com Galba e lhe prestar homenagem<sup>70</sup>, mas rumores diziam que Tito supostamente estava a caminho de Galba para ser adotado. Tácito em seguida afirma que as próprias descrições físicas de Tito davam suporte ao rumor, visto que as características de Tito o deixam em altura de qualquer cargo por alto que fosse, e que a

<sup>63</sup> Entende-se a cavalaria de Otão.

<sup>64</sup> Ibidem, II, 43 - 44.

<sup>65</sup> Ibidem, II, 47 - 49.

<sup>66</sup> Ibidem, II, 54.

<sup>67</sup> Ibidem, II, 61.

<sup>68</sup> Ibidem, II, 62;67.

<sup>69</sup> Ibidem, II, 68.

<sup>70</sup> Ibidem, I, 10.

beleza de suas feições possuía um certo ar de majestuosidade e os sucessos de seu pai na Judeia permitiam que Tito fosse mais do que cogitado para ser herdeiro do poder imperial<sup>71</sup>

Em seguida, Tácito descreve Vespasiano, que se tornará Imperador e que lutava na guerra da Judeia desde os tempos de Nero:

“um militar robusto, que marchava à frente da coluna, escolhia o lugar para acampamento, fazia frente noite e dia ao inimigo com seu saber e, se a ocasião exigia, comia com suas próprias mãos o que podia, sem diferenciar-se do soldado em seu vestuário e comportamento, desde logo, se não fosse sua avareza se assemelharia aos antigos generais.”<sup>72</sup>

Logo podemos perceber a diferença nítida da descrição dos integrantes da dinastia flaviana em relação aos Imperadores anteriores. Tito é descrito como sendo belo, tanto quanto Otão e Nero, contudo, e invés da adjetivação “luxúria”, tão usada para qualificar Nero e Otão, que carrega significados pejorativos, Tácito emprega a Tito a qualidade de majestoso, o que cria uma projeção diferente em relação aos outros dois imperadores. Logo, enquanto a beleza de Nero e Otão são vistas como más características, a beleza de Tito agrega o significado de virtude. Já em relação a Vespasiano se emprega a adjetivação “avareza”, mas ao contrário de Galba, que também recebe essa qualificação, não podemos afirmar que Tácito descreve Vespasiano como detentor de vícios ou de feiura, muito pelo contrário, o fundador da dinastia flaviana possui excelentes virtudes, o que nos permite classificá-lo como bom governante e general sob o julgo taciteano, marchando em frente das tropas e tomando as melhores decisões por conta própria.

Tácito menciona a nova rivalidade, visto que Vespasiano foi aclamado Imperador no Oriente e já tomava as medidas necessárias para a guerra e “Vitélcio, no entanto, ele e seu exército, como se não tivessem concorrentes, ficaram de fora por crueldade e luxúria correndo para um modo de vida próprio de bárbaros”<sup>73</sup>. Contudo, diante da guerra, Vespasiano reluta, visto que as legiões germânicas, aliadas a Vitélcio, possuíam grande fama e que as tropas vitelianas conheciam o esquema de guerra civil. Importante ressaltarmos que Tácito ao falar dessa relutância de Vespasiano, não o demonstra como covarde, mas como pensativo e calculista<sup>74</sup>. Logo, podemos perceber que a visão de Tácito sobre Vespasiano em praticamente nenhum momento é

---

<sup>71</sup> Ibidem, II, 1.

<sup>72</sup> Ibidem, II, 5.

<sup>73</sup> Ibidem, II, 73.

<sup>74</sup> Ibidem, II, 74 – 74.

carregada de características negativas. Podemos identificar isso como estilística, pois Tácito consegue fazer o leitor possuir uma imagem negativa de um personagem mesmo quando este possui boas atitudes, como foi o caso de Galba e Otão demonstrados anteriormente. Já com Vespasiano, apesar de indeciso possuidor de avareza, Tácito em nenhum momento nos permite uma leitura negativa acerca da imagem de Vespasiano. Está é a fina e sutil estilística taciteana.

Apesar das dúvidas, Vespasiano é inflamado por seus amigos e aliados a entrar em guerra. Muciano, um dos seus maiores aliados, profere um discurso em apoio e no livro II, 76 há a deslegitimação de Vitélio em prol da personalidade de Vespasiano. Neste discurso é possível ver como Vitélio é denegrado, pois para Vespasiano perder para Vitélio seria uma grande vergonha, já que Vitélio era um adepto dos vícios que não possuía carreira militar e não tinha boa linhagem. Muciano mostra ainda que Otão possui mais caráter e teria sido um Imperador melhor do que Vitélio, pois sua morte honrosa, libertando os soldados de possíveis conflitos por seu partidarismo, teria redimido grande parte do seu pecado<sup>75</sup>.

Após o discurso de Muciano, Tácito nos mostra que os temores tinham acabado, e que:

“[...] ao sair Vespasiano de seu aposento, uns poucos soldados estavam ali para saudarem-no como Imperador. Após o aplaudirem, os demais o saúdam como César e Augusto, acumulando sobre ele todos os títulos próprios de um Príncipe. Seu ânimo havia passado do medo para a fortuna; em sua pessoa não havia nada de soberbo, de arrogante ou de espanto diante da nova situação.”<sup>76</sup>

Continuando a guerra, Tácito discorre que Vitélio estava “cada dia mais depreciado e mais obeso, parando a cada cidade e vila para festejar. Seguiam a ele 60 mil homens armados e corrompidos pela indisciplina”, ao passo que, “o próprio Vespasiano visitava e cumprimentava aos seus; aos bons com elogios e aos indolentes mais com exemplos do que com castigos”<sup>77</sup>. Assim, por indulgência e por suas vicissitudes, Vitélio sofreu as consequências das traições. Quando chega a segunda batalha do Bedríaco e a de Cremona, batalha final cravada entre os vitelianos e os aliados de Vespasiano, muitos aliados de Vitélio pendem para Vespasiano<sup>78</sup> que vence a guerra civil.

Vitélio tenta fugir para a casa de sua esposa, porém, “por seu caráter volúvel, ele que de tudo tinha medo, retorna ao Palácio, vazio e deserto [...], e cansado

<sup>75</sup> Ibidem, II, 76.

<sup>76</sup> Ibidem, II, 80.

<sup>77</sup> Ibidem, II, 82; 87.

<sup>78</sup> Ibidem, III, 30.

daquela lástima se esconde em um vergonhoso lugar.”<sup>79</sup>. Vitélio foi encontrado em seguida e com ele ofereceram um grande show para as tropas e aos que assistiam, “obrigando-o a assistir sob a ponta da espada a queda de suas estátuas”<sup>80</sup>. Já à figura de Vespasiano faz diversos elogios. E para encerrarmos, resalto novamente os aspectos das adjetivações que Tácito faz ao descrever cada um de seus personagens, pois, neste ponto está o fator fundamental para a análise do nosso trabalho.

### **Considerações finais**

Portanto, diante do exposto, podemos ver que a antiguidade ainda nos serve como fonte riquíssima para novas análises do Homem no tempo e dos discursos humanos na história. A história, no ato de se renovar teoricamente e metodologicamente, nos permite renovadas interpretações nos tempos atuais. O que apresentamos foi uma das maneiras de se pensar a Antiguidade. Através do viés cultural, analítico, discursivo e imaginativo a Antiguidade toma novas formas, se tornando bem mais problematizante. Os personagens e os objetos se tornam questionáveis e a veracidade daquilo que se considerava fato pode ser repensada. Logo, nosso trabalho, mostrando como os Imperadores podem ser descritos como belos ou feios, cumpre as pretensões de oferecer uma nova forma de pensar Tácito e os seus personagens na Guerra dos quatro Imperadores.

Observamos então que Tácito escreve sua narrativa expressando sim iras ou ódios, visto que através da estilística empregada por meio de recursos oratórios, seja através de acontecimentos ou testemunhos, Tácito cunha imagens de bons e maus, belos e feios aos seus personagens. Pudemos ver como através das entrelinhas do recorte seletivo dos acontecimentos e principalmente das adjetivações, Tácito emprega opiniões e favoritismos sem que possam de fato acusa-lo de o fazer. No ato de qualificar as atitudes e características de cada um dos Imperadores como boas ou más, Tácito nos permite identificar dois conceitos de belo: o belo feio e o belo bonito. O primeiro carrega em seu significado os sentidos de luxúria, vicissitudes e excessos, que causa corrosão àqueles em sua volta, que degenera e desvirtua as pessoas e a República, como vimos nas descrições de Otão e Nero. Enquanto o segundo se caracteriza por ser equilibrado, majestoso e virtuoso, como vimos nas descrições de Tito e Vespasiano. Essa fórmula narrativa da qual Tácito transmite sua narrativa foi possível devido àquilo que

---

<sup>79</sup> Ibidem, III, 84.

<sup>80</sup> Ibidem, III, 85.

Fernando Catroga chamou de “novo discurso historiográfico”<sup>81</sup>, sobre o qual Garraffoni e Funari<sup>82</sup> demonstram tão bem, mostrando processualmente os processos que ocorreram para o fundamento desse novo modelo de narrativa. A especificidade do novo discurso terá sentido na sensibilidade perante a vida concreta dos indivíduos no período helenístico. O objetivo era a criação de exemplaridades com motivações pedagógicas, com a criação de “modelos de virtude”<sup>83</sup>. Segundo Funari e Garraffoni, os autores antigos passam a dar cada vez mais importância aos aspectos moralizantes e suas visões de mundo, enfatizando os vícios e virtudes de cada um.

Junto a isso, podemos pensar como fator fundamental para as descrições de Tácito a sua própria vida, visto que ele não conheceu nem a Galba, Otão e Vitélio, porém com Vespasiano e com Tito sua carreira teria deslanchado e teria sido beneficiado pelos mesmos<sup>84</sup>. Consequentemente, além dos dois conceitos de belo, podemos perceber também um conceito de feio, que é o da desordem passiva. Vitélio, tanto por ser feio através da sua gluttonia e dos seus vícios, é feio ainda por suas atitudes, que corrompe não só a ele, mas também aqueles ao redor, devido às suas orgias e festins. Otão, belo fisicamente, embora seja feio por sua luxúria e vícios típicos de Nero, se redimiou de seus maus atos tomando uma atitude nobre ao fim de sua vida. Já Aulo Vitélio, não teria feito nada, teria morrido como um covarde e corruptor da sociedade. Enquanto Otão serve como exemplo para algo – redenção –, Vitélio não serve de exemplo algum; Vitélio é o exemplo do que não ser. Por fim, Galba, apesar de possuir boa ancestralidade e boas atitudes, ao desejar o bem para a República – como vimos no episódio da adoção –, também deve ser entendido como feio, pois sua ancianidade extrema o tornou pouco útil, e seus excessivos assassinatos e avarezas são nocivos para a sociedade romana.

Portanto, o bom governo para Tácito possui uma beleza específica. O bom e adequado governante não é belo a ponto de ser considerado afeminado e adepto de luxúrias, nem feio ao passo que possa ser assimilado com vícios, avareza ou gula, mas ele é equilibrado, virtuoso e majestoso. Ele é pensativo, piedoso, bom general e bem medido e equilibrado nas atitudes, tanto na batalha quanto na política.

---

<sup>81</sup> CATROGA, Fernando. *Memória, história e historiografia*. Rio de Janeiro: FGV, 2015. p. 49.

<sup>82</sup> FUNARI, P. P.; GARRAFFONI, R. S. *Historiografia: Salústio, Tito Lívio e Tácito*. São Paulo: Ed. Unicamp, 2016.

<sup>83</sup> CATROGA, Fernando. *Memória, história e historiografia*. Rio de Janeiro: FGV, 2015. p. 50.

<sup>84</sup> TÁCITO. *Histórias*. I,1; GARRAFFONI, FUNARI. 2015. p. 91.